

O PANORAMA.

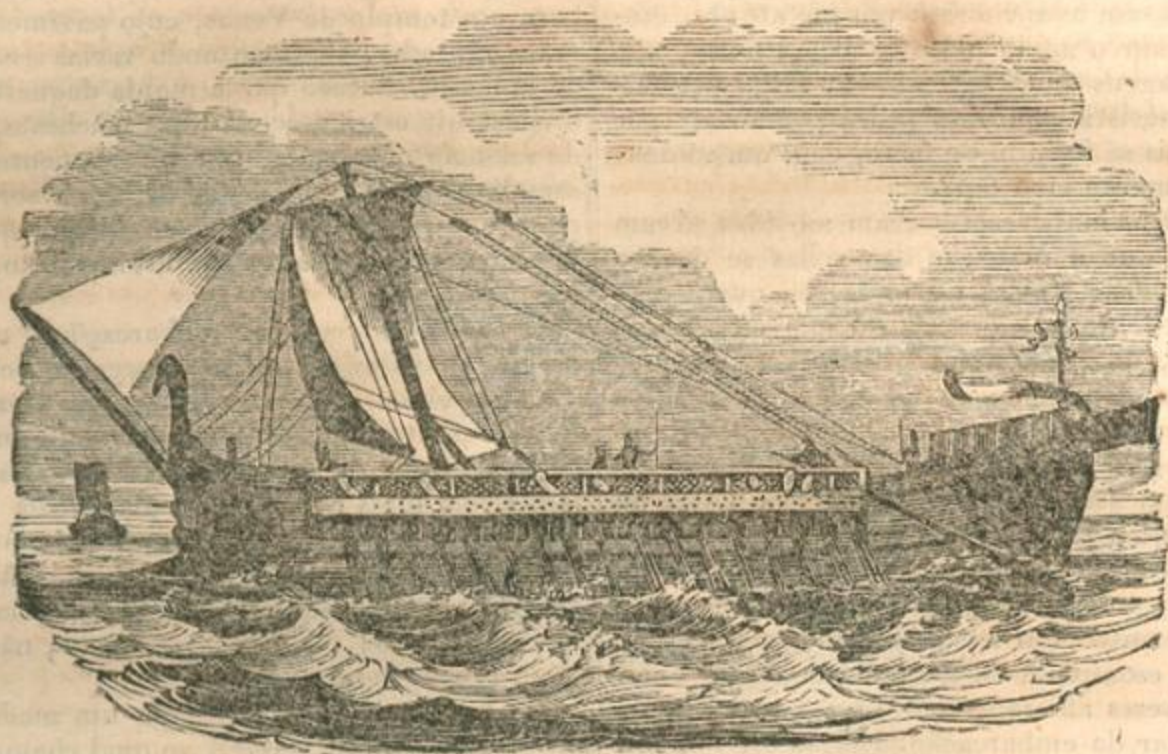
JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO

DA

Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis.

72)

PUBLICADO TODOS OS SABBADOS. (SETEMBRO 15, 1838)



GALÉ ANTIGA.

[Pintura achada em Herculaneo.]

ORIGEM E PROGRESSOS DA NAVEGAÇÃO.

I

DA SOMMA de tradições menos absurdas, que os antigos nos deixaram acerca dos principios da navegação, mui pouco se póde concluir. Todavia, o que parece indubitavel é que os phenicios foram os primeiros navegadores, a não o serem os egypcios. O homem começou, de certo, as suas tentativas primeiramente nos largos rios, e só depois no mar: os peixes e as aves aquaticas lhe despertaram provavelmente a idéa de uma barca; a canôa e a jangada deviam ser os mais antigos transportes: entre todas as nações barbaras são estes os que se encontram, e nós dariamos a preferencia de antiguidade á canôa, porque a sua idéa constitutiva e a sua execução é mais simples e facil do que a de uma jangada.

Entretanto dos livros sagrados e dos monumentos do Egypto, nos consta que esta nação, berço da antiga civilisação, possuia de tempos remotissimos embarcações compostas de diversas peças ligadas entre si, e semelhantes a uma jangada: a vantagem desta a respeito da canôa para transportar objectos, lhe fez talvez dar a preferencia; mas os aperfeiçoamentos successivos do leme, dos remos, das velas, tornaram necessario o preferir-se o desenho da canôa, cuja fórma se imitou nos primeiros navios, e ainda se encontra nos contornos de qualquer embarcação moderna.

Mas, por via de regra, as mais antigas construcções navaes eram de tal ou tal sorte, segundo os fins para que as destinavam, ou os meios que os constructores tinham para a sua obra. Em Herodoto se lê a descripção de um navio, que servia para conduzir mercadorias pelo Euphrates abaixo até Babilonia. Era uma especie de cesto, tecido de vimes e coberto de pelles, formando, depois de concluido, uma especie de grande gamella, sem pópa nem prôa, e guiado,

com duas varas compridas, por dois homens. Estas embarcações eram de varios tamanhos; e alem das mercadorias, se lhes mettia dentro um jumento, o qual servia para as levar por terra, depois de as desmancharem, logo que a força da corrente as não deixava vogar. O *coracle* dos antigos britannos era semelhante a estes barcos do Euphrates, e os selvagens americanos ainda os usam inteiramente parecidos, levando-os tambem por terra, nos sitios das catadupas: as canôas da Groenlandia tambem são forradas com couros, mas fazendo estes uma especie de cuberta, e ficando o barqueiro fóra della só da cintura para cima.

Esta remotissima especie de embarcações foi pouco a pouco, aperfeiçoada na Phenicia, Egypto e Grécia: d'ahi vieram os navios mais alterosos, fortes, e só de madeira: a de que usavam era a do amieiro, e a do choupo, por serem compactas e leves; mas depois construiam principalmente com pinho e carvalho. Os gregos serviam-se do castanho e do cedro, o segundo dos quaes elles tinham em conta de madeira de muita dura. Estimavam muito o cypreste, porque não rachava, e usavam do ulmeiro na porção do navio que andava debaixo da agua. A's vezes, nesta epocha de simplicidade nautica, construia-se uma frota inteira dentro de um mez, e cortavam-se as madeiras, quando as arvores estavam bracejando as suas vergontes annuaes. Todavia, quando havia vagar, observava-se para fazer os cortes o quarto da lua, a estação, e até d'onde soprava o vento.

Por diversos modos se coziam as peças do navio naquelles tempos. Usavam de tórnos de páu, outras vezes de cordas feitas de pelles e de tendões de animaes; mas o ferro nunca, ou raras vezes, foi empregado por esses primitivos architectos navaes. Para calafetar o costado serviam-se do pez, da resina, e da cera. A's vezes tapavam as fendas com cera, e cubriam-as com

couro por fóra; e até ha memoria de se servirem para isso de folhas de chumbo e de cobre.

O uso do leme é anterior ao tempo de Homero: a principio não era mais de que um remo, seguro á pôpa por uma pessoa, a quem a experiencia tinha ensinado a guiar com elle a barca: quando se começaram a fazer embarcações maiores, estas tinham dois lemes, um á prôa outro á pôpa; e assim podiam andar tanto para diante como para traz. Dizem que os toscanos inventaram as anchoras; porque até ahí, costumavam encalhar o navio todos os dias á noite, não se fazendo as viagens senão terra-terra. Estas primeiras anchoras consistiam n'uma pedra pendurada por um cabo: depois se fizeram de ferro, com um só dente, e posteriormente com dois.

As mais antigas embarcações eram movidas só com remos. Parece que a invenção das vellas se deve a Dedalo de Athenas; e para o provar, ha quem diga que a fabula d'Icaro não é mais do que uma engenhosa allegoria, que, em verdade historica, se reduz a ter-se este mancebo affogado no mar, por não saber guiar um barco á vella.

Costumavam os antigos pôr na prôa uma figura como ainda hoje se usa; e esta figura dava o nome ao navio. Além disso a roda de prôa era affeioada á maneira de uma cara. Ao talhamar davam a denominação de *ganso*, porque imaginavam que havia grande semelhança entre um navio e esta ave, quando nada. A pôpa esculpiam-na á maneira de um escudo, e muitas vezes ali representavam a imagem da divindade tutelar da embarcação. Destas e de outras circumstancias nasceram a maior parte das fabulas e allegorias maritimas dos antigos.

Quando a navegação e construcção naval estavam já grandemente adiantadas no caminho dos aperfeiçoamentos, os navios se começaram a dividir em duas classes, distinctas pela fórma e caracter particular: era uma a dos navios de guerra, outra a dos navios de carga. Os primeiros communmente não tinham vellas, eram movidos com remos, e o seu comprimento era desmesurado: assim, *navio longo* era synonymo de navio de guerra. Os da outra classe, isto é os de carga, eram mais redondos, e navegavam com vellas.

Os naturaes de Egina, ilha do mar Egéo, e os da ilha de Creta se contam entre os mais antigos navegadores. Os primeiros que tiveram armadas foram os habitantes de Corintho e Corcyra [*Corfú*]; mas diz-se que os cretenses foram os primeiros dominadores dos mares: todavia antes da era christã nenhuns povos se distinguiram tanto nas guerras maritimas, como os phenicios, os carthaginezes, os gregos, e os romanos. O que ha a dizer de um navio de guerra, e da maneira de pelejar de qualquer destas nações, é pouco mais ou menos o que se póde dizer de todas.

Os navios de guerra tinham uma ou mais fileiras de remos, para poderem vogar para todos os lados, e chegar-se ao inimigo, como e quando lhe conviesse. O numero e ordem dos remos variou conforme se foi aperfeiçoando a navegação. Eram, portanto, as fileiras ou bancos de remos segundo o tamanho do navio. Estas ordens de remos não corriam em nivel, quando havia mais de uma; mas iam em escada, e do mesmo modo estavam collocados os assentos dos remeiros. Usualmente estas fileiras eram tres, quatro, ou cinco; mas havia náus ainda mais alterosas; e era segundo as ordens delles, que se classificavam. Os mais antigos navios de guerra tinham 50 remos: mas chegaram estas náus a ter tal grandesa, que o que lemos hoje a este respeito ainda nos causa admiração, ou antes nos parece impossivel.

No tempo de Ptolomeu Philopatro, rei do Eryp-

to, isto é, pouco mais ou menos, 200 annos antes de Christo, construiu-se um navio de 40 ordens de remos, contendo cada ordem 100 remeiros. O tal navio chamado Isis, levava alem disso a necessaria marinagem e guarnição. Na mesma epocha foi construido, por Archimedes, um navio ainda mais admiravel, para Hierão rei de Sicilia. Esta embarcação monstruosa tinha sallas de banquete, gallerias, estrebrias, banhos, e tanques com peixe: encerrava tambem um templo de Venus, cujo pavimento e paredes eram pintados, representando varias scenas da Iliada de Homero. Parece que a mania daquella epocha era o construir estas desconformes machinas, que a falta de sciencia nautica tornava inteiramente inuteis. Assemelhavam-se a ilhas fluctuantes, e serviam de mera ostentação, se é que os escriptores que deixaram disso memoria, não exaggeraram muito, como é assaz provavel.

O tamanho usual das embarcações, na epocha do maior esplendor da antiga navegação, era o das que levavam cinco ordens de remos com trezentos remeiros, e duzentos combatentes. Os remos que saíam mais perto do lume da agua eram mais curtos, e os outros iam sendo mais compridos á proporção, que ficavam mais longe della. Não sabemos hoje bem o modo porque se moviam os remos, em tantas fileiras, e que força mechanica empregavam para remarem com os mais compridos, ao que, por certo, não bastaria a força de um homem.

Os navios de guerra tinham um madeiro saliente á prôa, forrado de bronze, ao qual chamavam *bico* ou *esporão* [*rostrum*] que servia para abalroar no combate o navio inimigo, e fazer-lhe um rombo, ou mette-lo a pique. Dava-se o nome de *orellhas* do navio, a umas pranchas de madeira, postas na roda de prôa, para embaçar a pancada do esporão contrario. Tendo os romanos desbaratado os carthaginezes em varios recontros navaes, levaram para Roma os esporões dos navios inimigos, que tinham aprisionado, e collocaram-os no *Forum* ou praça publica, juncto á tribuna, d'onde os oradores arengavam ao povo: por isto se ficou chamando áquella o *Rostrum*.

Sobre estes navios havia certas plataformas com varandas nas bordas, semelhantes aos bailéus, que mencionam os nossos historiadores da India, e que correspondiam ao que na Europa se chamava redes. Nos castellos de pôpa e de prôa havia torres, onde iam os soldados, e donde arrojavam as armas de arremesso contra o inimigo, com maior força e certesa; ao mesmo tempo que os remeiros, mettidos debaixo da cuberta, não corriam risco algum. A's vezes procuravam os de um navio arrombar o navio contrario, arrojando, destas torres, enormes volumes de pedra ou de chumbo sobre elle. Quando sitiavam uma cidade pela banda do mar, encadeavam-se as embarcações umas nas outras por todo o circuito das muralhas, que davam para essa banda: nestas embarcações se alevantavam grandes torres, donde os sitiadores offendiam os sitiados, e até chegavam a escalar as muralhas; mas os de dentro trabalhavam com a longa alavanca, inventada pelo celebre Archimedes, por levantar essas embarcações ao de cima da agua, deixando-as depois cair, para se desconjunctarem com a pancada. Aquellas torres, feitas por tal arte, que se podiam construir e desmanchar em pouco tempo, usavam-se tambem em grandes combates navaes. Os escudos dos soldados iam, por via de regra, collocados sobre a amurada, fazendo as vezes das modernas arrombadas. [Veja-se a estampa do fim do artigo.]

Quando havia um recontro naval, deitava-se fora da embarcação tudo o que não servia para o combate, Se o navio tinha vellas, tiravam-se e enrolavam-

se, devendo-se observar que os antigos sempre fugiam de combater quando havia mar cavado. A ordem de batalha era a de meia-lua, pondo-se nas extremidades os melhores navios e a melhor gente, para romperem a linha inimiga. Umas vezes o semicírculo avançava levando em frente o lado *convexo*; outras vezes o *concavo*. Também se ordenavam as armadas em círculo, para resistirem por todos os lados, ou na forma de um V, para romperem pelo centro a armada inimiga. O signal de accommetter era dado por uma trombeta, e repetia-se em todas as embarcações: também costumavam, para esse fim, pendurar um escudo dourado ou uma bandeira na gallé capitânia, a qual, além disso, se distinguia por um estandarte vermelho. Em quanto a bandeira ou escudo estava erguido continuava a peleja.

A gallé almirante era ordinariamente a primeira que atacava, correndo encostada á amurada de alguma embarcação inimiga, para lhe quebrar, ou fazer saltar os remos daquela banda, pondo-a, portanto, em estado de não se mover; as outras faziam o mesmo, ou procuravam desordenar a linha inimiga, indo bater nella com os esporões, em quanto os soldados accommettiam os contrarios, com fundas, dardos, e ás vezes á lança e espada. Com effeito, para o fim, os combates navaes pareciam-se com as batalhas campaes; porque, quando os navios abalroavam uns com outros, lançavam arpeos talingados, e atheravam-se, sem que o mais fraco podesse de modo algum fugir.



TORRE FLUCTUANTE.

Particularisar outras circumstancias da guerra naval fôra demasiadamente longo; por isso diremos agora alguma cousa ácerca da antiga marinha mercante.

Já dissemos que os navios de carga eram de forma oval: e assim cumpria que fossem, para se poderem accommodar os passageiros e as fazendas. Parece além disso, que eram de cuberta corrida, e largos, e que demandavam pouco fundo, sendo, assim, mui semelhantes aos juncos da China, cuja descripção achamos nos nossos historiadores. O comprimento dos navios de carga era de quatro vezes a sua largura, em quanto a gallé de guerra era oito vezes mais comprida do que larga. Assim como o navio de guerra, quando era mastreado, tinha por insignia um elmo no topo do mastro; do mesmo modo o navio de carga tinha naquelle logar uma cesta por emblema.

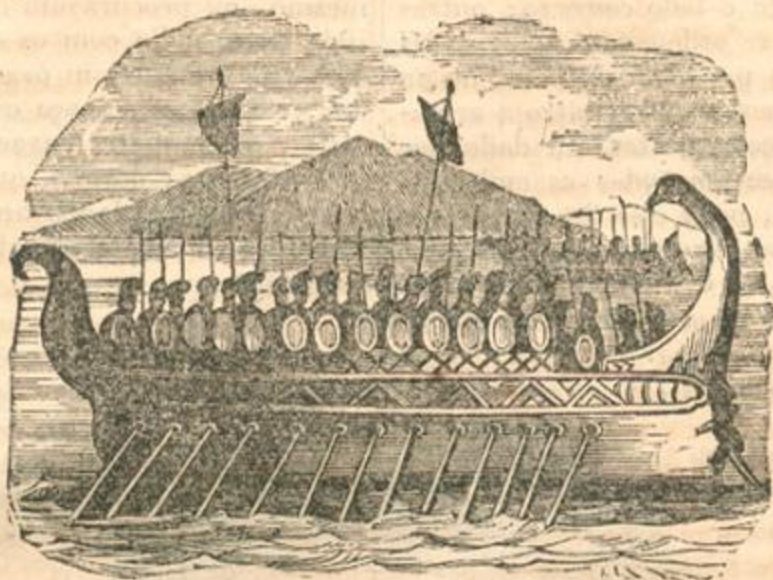
O porte ordinario das melhores e maiores embarcações de commercio era de 50 a 60 toneladas, ainda que se acha nos historiadores noticia de outras muitissimo maiores; mas a este respeito ha a mesma incerteza e escuridade que dissemos havia ácerca

das gallés de muitas ordens de remos. Um obelisco do peso de 1500 toneladas foi transportado do Egypto a Roma e collocado no circo, onde ainda agora está. Trouxe mais o mesmo navio, segundo se diz, a carga de 1100 toneladas de varios legumes, armazenados a um lado da embarcação, para contrabalançar o peso do monumento, que vinha do outro lado. Semelhantes navios, chamados Etnas, ou montanhas movediças, não serviam para os usos communs, porque eram mui pesados, e difficeis de se lhe dar rumo.

Não sabemos hoje bem que arranjos tinham os marinheiros para dormirem nos navios. Parece que faziam belichés ou camarotes pelos lados da embarcação para se accommodarem os passageiros, como se usa actualmente; isto se pôde ver no cap. 1.^o do livro de Jonas; mas d'ahi mesmo inferimos que as camas dos marinheiros eram volantes, ou antes que cada um se deitava onde podia; o que não admira, visto que o estado da antiga navegação não permittia andarem os navios muito tempo no mar, ou ao largo. Lemos em Homero, que Ulysses dormia á pópa so-

bre umas pelles, e que os remeiros, que pelo decurso dos tempos, eram escolhidos entre os escravos e malfeitoses, se deitavam sobre os bancos em que tinham remado. Parecia aos antigos, que outras quaes-

quer branduras enfraqueceriam a rijesa dos marinheiros; e o capitão atheniense, Alcibiades, foi censurado, segundo refere Plutarcho, por ter a bordo uma cama dependurada de cordas; isto é uma maca! . .



ANTIGA GALÉ ROMANA DE GUERRA.

A REPUBLICA DAS ILHAS JONIAS.

EXISTE na Europa um pequeno estado, debaixo da protecção especial, e immediata influencia da Inglaterra, que por sua fórma de governo é bastante notavel. Corfú, com a cidade do mesmo nome por capital, na costa do Epiro, é a principal das sete ilhas de que se compõe.

A republica e confederação das ilhas Jonias foi estabelecida debaixo da protecção da Russia e da Porta, um anno depois que uma força combinada russiana e turca tomou Corfu aos francezes, isto é em 1800. Pela paz de Tilsit a França recobrou estas ilhas, e lhes enviou guarnições saídas das costas de Napoles. Porém em 1814 restabeleceu-se a independencia da confederação debaixo da protecção de S. M. Britannica, representada por um Lord commissario, *Lord high commissioner*, o qual reside na capital.

A actual constituição foi, com a sancção da Graã-Bretanha, proclamada em Janeiro de 1818. O parlamento ou assemblea legislativa compõe-se de 40 membros; onze dos quaes teem assento *de jure*, e são, seis membros do anterior senado, quatro regedores das ilhas maiores em razão de seu cargo, e um dos regedores das tres ilhas menores por seu turno. Os outros 29 membros são eleitos pelas assembleas eleitoraes das differentes ilhas; na proporção da população. São eleitos por cinco annos, que é o praso da duração de cada legislatura, a menos que não seja dissolvida antes deste tempo pelo lord commissario. Os membros, bem como os eleitores, são todos da classe nobre, que é numerosa, porque comprehende quasi todos os proprietarios de terras. As qualificações requeridas para ser nobre estão especificadas na carta constitucional, dada pelo imperador Alexandre da Russia em 1803, em conformidade com os antigos usos do paiz, pela qual os habitantes se dividem em tres classes; *nobres*, *burguezes*, e *paisanos*. Os burguezes podem passar a nobres, mediante certas condições. Os paisanos são livres em suas pessoas, mas não gozam direitos eleitoraes, e são geralmente muito pobres. O senado que consiste d'um presidente e cinco membros, tambem nobres, formam o executivo. O presidente que tem o tractamento de *altesza* é nomeado pelo rei da Graã-Bretanha; os outros

cinco membros são da escolha do parlamento sujeita á approvação do lord commissario. A eleição dos senadores é tambem por cinco annos; porém o presidente é nomeado por metade deste tempo. O senado nomeia para todos os logares e cargos administrativos. O lord commissario convoca o parlamento uma vez no anno, e abre a sessão com um discurso: tem o poder de o prorogar, ou dissolver. Os projectos de lei são appresentados á camara, ou pelo senado, ou pelo lord commissario por via do senado, ou finalmente por proposta de algum membro da camara; se nesta passam são levados á approvação do senado, e approvados neste são submittidos á sancção do lord commissario.

Em cada ilha ha um regedor, ou chefe civil e politico, e egualmente um *residente*; este é nomeado pelo lord commissario; aquelle pelo senado. Ha tambem em cada ilha um conselho municipal eleito pela ordem dos nobres, e de que é presidente, *ex-officio*, o regedor. Cada uma tem tambem tribunaes civis, criminaes, e commerciaes; e a nomeação dos juizes pertence ao senado. O tribunal supremo de appellação para todas as ilhas está em Corfú, e consta de quatro juizes, dois nomeados pelo senado, e outros dois pelo lord commissario, que os póde escolher indifferentemente dos naturaes jonios, ou dos inglezes alli residentes.

O lord commissario commanda a força armada, que é composta d'uma guarnição ingleza de 3:000 homens, e de quatro regimentos de milicia do paiz.

A religião do estado é a grega oriental, mas a egreja grego-latina goza de egual protecção. O arcebispo e os bispos são sagrados pelo patriarcha de Constantinopola.

Ha em Corfú uma universidade, aberta em 1824, com quatro faculdades; theologia, leis, medecina, e philosophia. As lições são dadas em grego moderno. Tem egualmente uma eschola secundaria, um seminario ecclesiastico, e escholas primarias, todas costeadas pelo governo.

A população das sete ilhas em 1833 era ao todo de 209.146 almas, sendo só a de Corfú um terço deste numero. A agricultura e commercio desta ilha principal está n'um pé florecente, e emprega activamente muitos navios proprios dos habitantes. O porto de Corfu é um dos melhores de Levante. Nesta cidade

ha tambem uma sociedade para o melhoramento da agricultura e industria.

O GEYSER,

Ou o repuxo de agua quente.

A ILHA de Islandia situada na parte mais septentrional da America, no oceano atlantico boreal, e mais visinha do norte da Europa, a que alguns geographos a fizeram pertencer, é uma das regiões mais curiosas, não só pelas suas antiguidades historicas, como tambem pelas maravilhas naturaes que encerra. Destas uma das mais notaveis são as fontes de agua quente, entre as quaes tem a primasia a chamada *Geyser*, que rebenta nas cercanias de Skalholt, e que está rodeada de muitas outras menos importantes. O bocal tem desenove pés de diametro, e a caldeira, no fundo da qual está o orificio, tem trinta e nove. Esta caldeira está no alto de um teso ou outeiro extenso, redondo e pedregoso. Quem chega á borda da cova vê o abysmo, por onde jorra a fonte, a dezeseite pés de distancia, ficando para um dos lados. Às vezes a caldeira está cheia, e ve-se uma pequena fervura no olho da agua, e por cima um leve fumo: dahi a pouco ouve-se um ruido soturno debaixo do chão que pára e torna a começar, assemelhando-se a tiros de artilharia, ouvidos ao longe, e acompanhado de um aballo de terra cada vez que se ouve: passado o tremor a fervura da agua augmenta, o vapor torna-se mais denso, e o chão treme com mais violencia. A agua começa, então, a trasbordar, pouco a pouco, e immediatamente sóbe do meio do lago um repuxo de pouca altura. Quando Hooker observou este phenomeno, a agua subiu, neste primeiro impulso, a dez ou doze pés de altura, e na queda fez apenas extravasar mais o lago; mas ouviu-se uma explosão estrepitosa, e passados alguns segundos jorrou de novo a fonte. Durante o resto do dia ficou tudo no seu estado ordinario; porém na manhã seguinte pouco antes do meio-dia começou novamente o ruido subterraneo, e os abalos da terra annunciaram uma erupção: o fragor repetiu-se muitas vezes com intervallos deseguaes, mas curtos, e parecia-se com as salvas de uma nau em dia de gala. “Eu estava [diz Hooker] na borda da caldeira, que se tinha alargado, e fui ainda obrigado a recuar alguns passos, porque a agua começou a subir no centro, e vinha crescendo e trasbordando como ás golfadas. Passados alguns minutos saíu o primeiro jorro: veio logo outro depois delle; enfim veio o terceiro, que subiu, pouco mais ou menos á altura de noventa pés: a grossura da columna da agua era quasi igual á largura da caldeira: embaixo não havia senão escuma que fazia uma linda vista; mas um pedaço mais acima, no meio de turbilhões de vapor, que saíra daquella especie de fojo, por onde rebentava a torrente, enxergava-se a espaços uma columna compacta de agua que chegando a maior altura se partia em infinito numero de delgados repuxos, dos quaes alguns subiam perpendicularmente muitissimo mais acima, e outros espadnavam diagonalmente indo cair a espantosa distancia. Acabado este jorro, saíu outro mais frouxo, e immediatamente a agua diminuiu na caldeira, e se tornou a sumir no fojo.” — Hooker desceu depois á caldeira, e chegou-se á borda do abysmo, o qual é á maneira de um funil, e vê-se que desce talvez até a profundidade de sessenta pés. O chão estava fervente, e só passada quasi meia hora, é que elle pôde assentar-se sem se escaldar.

O *Strok* ou novo Geyser que fica perto deste, é talvez ainda mais admiravel: o mesmo auctor já ci-

tado affirma ter nelle visto um repuxo subir á altura de obra de 150 pés, durante hora e meia, sendo o diametro da columna de agua, talvez, de dezeseite pés. Atirando-se-lhe uma pedra, a agua a arrojava pelos ares ainda a altura maior do que era a do repuxo.

O HOSPITAL MILITAR DE RUNA.

AINDA ha pouco tempo tivemos occasião de fallar de um instituto de caridade, e mais ainda de patriotismo puro e generoso: hoje se nos offerece a de mencionar outro, não menos digno de publicas bençãos. Foi aquelle o dos asylos de primeira infancia; é este o do hospital, ou antes hospicio militar de invalidos situado em Runa. Como ácerca daquelle houvesmos de louvar a piedade feminil; assim ácerca deste nos cumpre louva-la tambem. Parece que em Portugal ha um certo fado de que tudo o que tem um character religioso e ao mesmo tempo philanthropico seja obra mulheril. A rainha D. Leonor devemos o hospital de Lisboa; a conservação dos asylos de primeira infancia a uma associação de senhoras: o hospicio de Runa á princeza D. Maria Benedicta. Era vergonhoso para nós não só como portuguezes, mas como homens, que fossem condemnados a morrer á mingua, ou a viverem no meio da vil mendicidade, homens benemeritos da patria, e que por ella tinham derramado seu sangue. Occorreu a tal falta aquella excellente princeza mandando edificar á sua custa o hospicio de Runa, e dotando-o liberalmente.

Este estabelecimento, ainda sem attender-mos aos fins para que foi destinado é um dos melhores de Portugal. O edificio tem 450 palmos de frente com 25 janellas: o seu fundo é de 280 palmos com 13 janellas: tem 4 faces regulares e tres andares, além das aguas-furtadas, nas quaes, sómente, se poderiam accommodar 300 pessoas. A construcção deste bello edificio começou em 1792 e acabou em 1827 — A piedosa fundadora regulou excellentemente a economia e ordenança do hospicio. Os invalidos que alli se recolhem são tractados tão bem ou por ventura melhor do que nos estabelecimentos da mesma especie, em França e Inglaterra. Os alimentos que recebem são abundantes, saudaveis, e até delicados, não tendo que invejar a mesa ainda de familias abastadas. Mas o que é mais de notar é que o tracto do hospital mais dá mostras da convivencia de uma familia, do que de uma reunião de homens entre si estranhos. Os officiaes que dirigem aquelle estabelecimento offerecem um documento perenne da sublimidade desse sentimento, de que a philanthropia é apenas uma sombra — a caridade evangelica — Elles servem á mesa com o carinho de irmãos os pobres soldados, ou cegos, ou por outra qualquer maneira impossibilitados de a si proprios se servirem: e enfim a boa ordem e o accio que se conserva neste hospicio militar é o mais bello elogio do seu director.

A situação do edificio, posto que em logar solitario, é picturesque, e offerece formosos passeios nos arredores, sendo permittido áquelles cujo porte é decente e comedido, o saírem a espairecer pelas cercanias do hospital.

As rendas que a fundadora legou para a sustentação desta casa eram de sobejo para nella poderem residir mais de cem individuos: mas estas rendas escassamente chegarão hoje para pagar aos empregados, e sustentar 29 invalidos, que alli existem, faltando os meios necessarios para atalhar alguma ruina que vae soffrendo o edificio, principalmente nos telhados.

O principal redito do estabelecimento consistia em uma commenda comprada pela princeza, com a ces-

são de uma tença de 8:000 \$ 000 annuaes que recebia pela folha da alfandega grande de Lisboa. O rendimento desta commenda procedia de dizimos: abolidos estes, a commenda deixou de existir; e com ella acabaria talvez inteiramente a generosa instituição da virtuosa princeza, se em seu soccorro não tivesse vindo a generosidade de S. M. I. a Senhora Duqueza de Bragança estabelecendo-lhe uma pensão de dois contos de réis annuaes, que tem sido até hoje pontualmente paga.

Todavia isto não é bastante para o custeamento do hospital, e apesar da optima administração d'elle, ha mezes que teria sido impossivel continuar a sustentar os invalidos que alli restam, se não fosse o credito que aos fornecedores merece o conselho administrativo, o qual tem feito com que esses pobres militares não tenham conhecido differença no seu tractamento regular.

Parece-nos que se ha indemnisação, que mereça ser sagrada aos olhos do governo, é a daquella commenda, cujos rendimentos tinham semelhante applicação. A ruina do hospital é infallivel, se não se occorrer a tamanha falta; e escusado será mandar para alli mais invalidos, como ainda actualmentemente se está fazendo, visto que dentro em pouco esses mesmos que lá existem terão de ir mendigar o pão, que a patria tem obrigação de lhes dar, havendo elles ganhado o direito a recebe-lo com o seu sangue, e com os perigos e fadigas da guerra, que só sabem avaliar aquelles que os teem passado.

MOZART,

O celebre compositor alemão.

A constituição physica de Mozart era mui debil: doente desde os mais tenros annos, junctava aos seus padecimentos uma melancholia tão profunda, que tocava as raias da desesperação. Algum tempo antes da epocha do seu fallecimento, que foi aos trinta e seis annos, compoz o famoso *Requiem* [*] que, por um presentimento extraordinario, elle dizia que compunha para o seu proprio enterro.

Certo dia, em que elle estava involto em profundas meditações, parou uma sege á sua porta. Vieram-lhe dizer que um sujeito desconhecido desejava fallar com elle. Apresentou-se-lhe, com effeito, uma pessoa mui bem vestida, e com modos muito agradaveis. “Eu, disse o estranho, venho procurarvos da parte de uma grande personagem” — “E quem é ella?” — “Não vo-lo posso dizer” — “Então sabamos o que pretende.” — “Dir-vo-lo-hei: acaba de lhe morrer um amigo que muito estimava. Deseja fazer-lhe todos os annos uma commemoração, para a qual quer um *Requiem* composto por vós.” — Este discurso; a gravidade com que foi pronunciado, e o ar de mysterio com que semelhante encomenda se fazia, produziu grande impressão em Mozart. O desconhecido proseguiu: “Empregae todo o vosso engenho nesta obra; porque ella é para um entendedor” — “Tanto melhor.” — “Que tempo levareis com ella?” — “Um mez.” — “Está bem; voltarei daqui a um mez.” — “Quanto se vos ha-de dar?” — “Cem ducados.” — O desconhecido poz sobre a banca esta somma, e retirou-se immediatamente.

Mozart ficou por algum tempo pensativo: e depois começou a compor o *Requiem*. Levado do seu entusiasmo de musico, escrevia de noite e de dia, com um fervor que parecia augmentar cada vez mais; porém a sua constituição, já mui debilitada, não pôde supportar este entusiasmo. Certa manhaã caíu des-

maiado, e foi constringido a suspender o trabalho. Passados dois ou tres dias, procurando sua mulher diverti-lo dos tristes presagios que lhe opprimiam o espirito, elle lhe respondeu: “— Não padece duvida, que eu estou compondo este *Requiem* para mim proprio: elle ha-de servir para o meu enterro.” — Esta idea, nunca foi possivel desvanecer-lha.

Continuou a trabalhar; mas diminuindo-lhe diariamente as forças, a obra pouco progredia. Acabado o mez, que elle marcara, o desconhecido voltou. “Foi-me impossivel cumprir a palavra” — lhe disse Mozart. “Não importa: de quanto tempo mais precisas?” — “De outro mez. A composição interessou-me mais do que eu esperava, e alarguei o meu plano.” — “Nesse caso, replicou o desconhecido, é justo agmentar a paga: eis-aqui mais cincoenta ducados.” Espantado Mozart, pediu-lhe que lhe dissesse quem era. “Isso é cousa que pouco vos deve importar. Voltarei no fim do mez.” Mozart mandou um creado atraz d'elle; mas o creado tornou, dizendo que logo o perdera de vista.

O musico se persuadiu então que o desconhecido não era ente humano; mas algum espirito superior mandado para o avisar de que o seu fim estava proximo. Applicou-se ainda com mais fervor ao *Requiem* que elle considerava como o momento mais duradouro do seu engenho. Os mais assustadores e mortaes desmaios lhe sobrevinham uns apoz outros; mas a obra chegou a concluir-se.

No prazo marcado o desconhecido voltou; porém Mozart já não existia!

COMO SE LAVA A FLANELLA, CONSERVANDO-LHE A ALVURA.

A EXPERIENCIA diariamente nos mostra que a flanela mettida em barrela torna-se amarella, secca e aspera, o que é devido ao alcalino dissolvido na agua da cenrada, o qual obra com tanta força sobre as materias animaes, que as altera e deteriora; de mais, lavando-a com sabão, adquire quasi sempre um cheiro desagradavel, além de conservar certa unctuosidade.

Evitam-se estes inconvenientes lavando-a com qualquer mucilagem vegetal, ou animal, que tem, como se sabe, a propriedade de fazer com que os oleos animaes se possam misturar com a agua. Entre todas a mais economica é sem duvida alguma a da farinha, ou a de batatas.

Tomam-se duas colheres de farinha, a qual se diluirá em canada e meia de agua solta de sabão, põe-se ao lume, havendo o cuidado de mexe-la para que não fique em grumos; lança-se metade desta gomma rara e fervendo sobre a flanela, que se deixa bem ensopar; logo que se poder metter dentro as mãos, esfrega-se como se fosse com sabão; tira-se e passa-se por agua-limpa, para depois se lançar por cima della a outra metade da gomma a ferver, esfrega-se de novo, e finalmente lava-se em muitas aguas; a flanela, por este meio, fica perfeitamente lavada, e branca, e não conserva cheiro algum, e será tanto mais saudavel quanto mais lavada e limpa ficar por este processo tão simples como economico.

Se se fizer uso das batatas, eis como se procederá: as batatas depois de bem cozidas e limpas da pelle serão esmagadas e misturadas com agua de sabão muito rara, de modo que sejam convertidas em massa espessa, com a qual se esfregará muito bem a flanela, que deverá ter estado de molho em agua quente, até que tenha desaparecido toda a immundicie: então lava-se com agua a ferver, passa-se por muitas aguas, e finalmente põe-se a enxugar. As mantilhas das crean-

(*) Musica funeral.

gas de peito, assim lavadas, perdem todo o cheiro, e ficam mais brancas do que se fossem ensaboadas.

O MESTRE ASSASSINADO.

Chronica dos Templarios.

1320.

V

GUIDO, aballado pelo socego de Gilberto, o seguiu em silencio. Atravessando as ruinas, desceram por uma escada meia-caída: no fundo dos subterraneos estava uma pequena porção de ruinas amontoadas: — Perrail começou a aparta-las, e Guido taciturno o observava. Apareceu debaixo uma lagem negra: Perrail com uma alavanca a levantou; e dentro da cavidade se viu uma caixinha dourada.

“O sacerdote mentiu,” disse Gilberto sorrindo-se, “quando affirmou que atinára com o logar em que elle e o Bailio tinham enterrado o thesouro. Este é o mesmo sitio, e a caixinha não saíu do seu escondrijo. O Bailio morreu nos meus braços, nas praias da Escocia, e me descubriu o segredo; porque eu estava então a ponto de partir para França. O infeliz, que havia largo tempo gemia nas garras da doença e da miseria, feneceu no momento em que tractava de embarcar para Mull. Comprei o derrubado castello para salvar as riquezas da ordem, e deitei ahi esses derrocados restos para as incubir inteiramente. Entreguei ao senhor de Craon, valente guerreiro, descendente de uma familia que tem dado celebres membros á sociedade, e que pertendia ir reunir-se a Aumont, uma carta para este, em que lhe participava a existencia do thesouro, rogando-lhe mandasse uma pessoa de confiança para o levar para Mull. Passados tempos, veio o sacerdote ter comigo; mas tive por escusado dizer a este respeito uma só palavra a um homem em quem me não fiava inteiramente. Desde então nunca mais me vieram noticias de Aumont, e as pedras preciosas teem jazido intactas até este momento.”

“Tu me enches de pejo” interrompeu Guido. “Provas o que dizes, bem que meu tio não recebesse mensagem alguma tua; porque o navio, que devia conduzir a nossas praias o senhor de Craon, foi soçobrado por uma furiosa tormenta, e apenas um marinheiro, que nos levou a noticia do infeliz successo, pôde salvar a vida.”

“Bem está!” disse Perrail, saíndo do subterraneo. “Perante tí estou justificado, e meus irmãos virão a conhecer minha innocencia. — No mais cumpre tua missão: — toma esta caixinha a teu cuidado: — arranca da espada, e desaffronta a ordem da offensa feita por um de seus membros, que não pôde resistir aos sentimentos da natureza; e depois de a desaffrontar, fuge!”

“Homem!”, gritou Guido admirado. “Crês acaso que tenho o instincto sanguinario d’um tigre? Devo assassinar-te quando o meu coração te justifica do crime de apostasia, e a minha razão do de simonia? Que ente seria eu? — Se te achasse criminoso cumpriria a minha commissão; porém não matarei o innocente, e desprezo o grau de mestre, se elle é a recompensa de uma acção sanguinaria!”, —

“Mancebo, digno de um melhor destino, vem a meus braços;”, disse Perrail, e estreitou ao peito o valoroso templario. — “Estas lagrymas, este coração, que bate com rapidez, te agradece a tua humanidade; mas onde clama a letra da severa lei, não deve affrouxar o seu executor, senão quer sugeitar-se ao mesmo castigo. Não queiras por mim ser victima dos

irmãos que bradam sangue! Cumpre, cumpre o teu dever!”,

“Estás louco?”, replicou o mancebo affastando-se delle. “Na flor da idade; esposo, pae, cidadão, chamas desvairado sobre tua cabeça o anjo da morte?”,

“Amigo, irmão!”, interroinou Perrail, “a minha carreira sobre a terra está findada: certo presentimento m’o diz, e uma voz celeste m’o tem dicto tres noites a fio. Em sonhos eu tenho visto descer sobre a minha cabeça a corôa do martyrio. Espero a morte com o sorriso da innocencia: com a constancia de um homem a soffrerei agora, portanto: irmão terrivel, irmão vingador, não vacilles! — Aqui, na antiga salla capitular da minha ordem, deixa-me perecer com a intima consciencia da minha felicidade, ás mãos de um amigo, de um templario!”, —

“Retira-te!”, gritou Guido, fóra de si. “Queres tu constranger-me a assassinar um justo? — Não te importe o meu destino, seja qual fór: dissipa os negros cuidados. Vive para tua mulher, e para teu filho: ergue por nós teus votos a Deus, e sê feliz!”,

Neste instante corre a elles Branca tresfolgando. — A pallidez cubria suas faces, e a custo sustentava seu filho nos tremulos braços.

“Oh Deus!”, exclamou afflicta. “Gilberto, Gilberto! a aldêa está em alvoro. Gente armada se dirige á nossa cabana. Algum templario se escondeu aqui. O alcaide d’elrei manda procura-lo pelos campos, e apenas pôde o visinho Remy vir avisar-te á pressa.”

“Traição!”, clamou Guido com voz de trovão. Uma horrivel suspeita lhe passou pela mente — “Hypocrita! com doces palavras, com o tom da sinceridade tu me colheste no laço. Agora percebo tudo! — Eis o motivo da tua demora quando pela manhã saíste! — Foi então que indicaste aos esbirros do rei a minha guarida! — Treme miseravel! — Esta espada produz effeitos mais prompts do que a tua dobrez!”,

Guido arrancou da reluzente espada. Dando altos gritos Branca se metten de permeio. Quem resistiria ás lagrymas da formosura, e aos vagidos da infancia?! O ferro assassino se abaixou para o chão; e aquelles olhos chammejantes perderam parte do seu furor.

“Entrae em vós, meu irmão!”, disse Perrail: “estou innocente: o inferno, não eu, descubriu vosso segredo. Eu trahir-vos? — Nunca! Salvar-vos-hei! Segui minha mulher. Aquella portinha dá para o carneiro deste castello: um caminho subterraneo que encontrareis no topo delle vos levará aos meus campos. O braço de Deus é poderoso: elle vos livrará dos vossos perseguidores; e dentro de meia-hora vos achareis juncto da torre dos Pagãos. Eu saberei demorar aqui os que vos buscam. Fugí sem demora, e chegareis a salvamento á vossa barca. Tomae sentido no coffresinho; e saudaes da minha parte os nossos irmãos!”, —

Envergonhado, Guido, do seu arrebatado procedimento, ficou mudo; e depois de apertar Perrail entre os seus braços, fugiu pelo caminho da salvação.

(Continuar-se-ha).

A perseverança. — A condição mais essencial do character do Tamerlão, o grande conquistador asiatico, era a sua extraordinaria perseverança. Não havia difficuldades que o arredassem do seu proposito; e ás vezes as arrostava em circumstancias desesperadas: a fortuna coroou sempre as suas tentativas. Costumava elle contar aos seus amigos a seguinte anecdota. “Certo dia me vi constrangido a refugiar-me dos meus inimigos em um edificio deshabitado, onde a neces-

sidade me demorou por muitas horas. Desejando illudir com objectos estranhos as idéas que me atormentavam; as paredes arruinadas, e a calça onde mal seguros tinha os pés, não me offerciam cousa que me distraísse; até que por fim reparei n'uma formiga, que trabalhava por levar um grão de trigo ao cimo de um pedaço de parede. Entretive-me em observar os esforços do animal para conseguir seu intento. O grão era maior do que ella: sessenta e nove vezes lhe caiu ao chão; mas o insecto perseverou e á septuagesima vez o levou acima. Esta contemplação me animou naquella critica occasião a insistir tenazmente nos meus projectos; e nunca me esqueceu esta lição em todas as vicissitudes da minha vida."

A Historia Romana. — Quem lê, despido de pedantismo, a historia romana, sente o mesmo desgosto que resulta para o homem sensato da leitura de certas novellas, e de muitos poemas epicos. Logo se vê quem hade ter a victoria. A razão é clara; porque dos povos, que os romanos chamavam barbaros, não temos historias por seus concidadãos escriptas. Outro tanto acontece com os illustrados gregos. Quem sabe quantas accões e proezas, dignas de louvor, sepultou o esquecimento? O homem conhecedor da historia particular dos povos europeus, na idade media, o escriptor imparcial, justo avaliador de suas qualidades, que resolva este problema.

UM BANQUETE INGLEZ.

EM 1470, deu Jorge Nevil [irmão do conde de Warwick, cognominado o *creador dos reis*], no seu paço archiepiscopal de Yorek, um banquete ao clero e á nobreza, em que foi tal a profusão de iguarias, que mereceu ficar depositada no archivo da Torre de Londres uma curiosa relação, pela qual sabemos ter constado do seguinte:

Dois mil e quatrocentos alqueires de trigo; trezentos e trinta toneis de cerveja; cento e quatro toneis de vinho; uma pipa de licôr; oitenta e seis bufalos; oitenta bois bem cevados; mil e quatro carneiros; trezentos porcos; tres mil vitellas; dois mil capões; trezentos leitões; cem pavões; duzentas gra-lhas; duas mil gallinhas; quatro mil pombos; quatro mil coelhos; duzentos e quatro alcaravões; quatro mil patos; quatrocentas garças reaes; duzentos faisões; quatro mil gallinholas; quatrocentas taram-bolas; cem maçaricos; cem codornizes; cem garças; duzentas raias; mais de quatrocentos gamos, etc., etc. Mil e cincoenta e seis pasteis quentes de vea-gão; dois mil pasteis frios; mil pratos de gelesia li-quida; quatro mil dictos de dicta coalhada; trezen-tos lucios; trezentos sargos; oito phocas; quatro pei-xes porcos; e quatrocentas tortas de nata.

Foram empregados em preparar o jantar, e no serviço da meza sessenta e dois cosinheiros, quinhentos e doze moços de cosinha, e mil criados.

Este mesmo Nevil, que abusou assim da sua opulencia, veio depois a morrer de fome e de miseria; porque Eduardo IV. cubiçando as riquezas do arcebis-pado de York, fez com que o infeliz arcebispo viesse a acabar n'uma prisão da França.

Justificação d'uma passagem do Novo Testamento. — Um grão de mostarda [diz uma parábola da escriptura sancta] é a mais pequena de todas as sementes; mas quando cresce é a mais alta entre as hervas, e se faz uma arvore tal que as aves pousam e se accom-

modam em sua ramagem. — A mostarda dos nossos paizes está bem longe de corresponder a esta descripção; ha porém no Oriente uma especie de *sinapi* á qual sem duvida allude o texto sagrado, e que é chamada por Linneu *sinapi crucoides*. Seus ramos são realmente lignosos, como se vê d'uma amostra que existe na collecção de José Banks. Buxtorf, e outros citam o judeu Rabbies para comprovar o mesmo, e o testemunho deste não será suspeito a favor do Novo Testamento. No *Talmud de Jerusalem* lê-se que "Ha em Sichi uma arvore de mostarda, que tem tres grandes troncos, um dos quaes, depois de cortado, serviu para cubrir o telheiro da officina de um oleiro." O Rabbi Simeão diz que "Tinha no seu jardim um pé de mostardeira sobre o qual trepava, como por uma figueira.

ANNOS de J. C. SEMANARIO HISTORICO.

Setembro 9.

1087 — Morte de Guilherme o Conquistador, filho de Roberto do Diabo, duque de Normandia: conquistou a Inglaterra e foi o tronco dos reis normandos daquelle paiz.

1438 — Morre de peste, em Thomar, elrei D. Duarte.

10

1438 — E' acclamado e coroado rei de Portugal D. Affonso 5.^o tendo seis annos de idade.

11

1217 — D. Sueiro bispo de Lisboa, ajudado de uma armada estrangeira, ganha aos mouros juncto a Alcaccer do Sal, uma grande victoria.

1765 — Nasce José Agostinho de Macedo, polygrapho portuguez bem conhecido.

12

1683 — Morre no palacio de Cintra elrei D. Affonso 6.^o com 40 annos d'idade e de reinado 27.

13

1572 — Uma tempestade terrivel e inesperada destroe inteiramente, no Tejo, uma armada de 40 navios de alto bordo, que estava a ponto de sair do rio.

1599 — Morte de Montagne, illustre moralista francez.

14

1321 — Morte de Dante Allighieri poeta italiano, auctor da *Divina Comedia*.

1812 — O exercito francez capitaneado por Napoleão chega a Moscow; os moscovitas retiram-se lançando fogo á cidade.

15

1596 — O conde de Essex entra em Cadix com uma armada ingleza; queima os navios que encontra na enseada, e toma a cidade.

As pessoas cujas assignaturas findam com o N.º 74 deste Jornal são por este annuncio convidadas para que se sirvam de as renovar quanto antes, querendo continuar a assignatura, a fim de não soffrerem interrupção na entrega.

No N.º 70 a pag. 276, col. 2.^a, lin. 22.^a onde diz —é a unica memoria—lea-se—são a unica memoria,

Escriptorio da Direcção da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, rua nova do Carmo N.º 39 = D.

LISBOA — NA TYPOGRAPHIA DA SOCIEDADE.